



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

JORNAL DA CIDADE

ARACAJU, SÁBADO, 22 DE JUNHO DE 2013

CRM volta a ameaçar o Huse com uma 'intervenção ética'

Entidade que representa médicos diz que situação está fora de controle

Matheus Oliveira
DA EQUIPE JC

“A situação está fora de controle”. Assim o médico Hyder Aragão de Melo definiu a situação do Hospital de Urgências de Sergipe (Huse/João Alves), detalhada em relatório elaborado pelo Conselho Regional de Medicina (CRM). O documento afirma que o hospital pode sofrer intervenção ética caso os problemas encontrados não sejam corrigidos pelo Governo do Estado dentro de quatro meses. A interdição ética é um procedimento que impede os médicos de atuarem rotineiramente. “Essa seria uma opção catastrófica”, frisou.

O teor do documento foi divulgado ontem à tarde na sede do CRM, em coletiva de imprensa. O cerne dos problemas concentra-se em dois pontos: política de recursos humanos e de materiais. “Deve-se ressaltar que não se tratam de problemas pontuais, mas de dificuldades que se repetem continuamente”, frisou Melo. O documento foi elaborado durante seis meses e contou com visitas de conselheiros do CRM sem aviso prévio, em diferentes horários e períodos. Os Ministérios Públicos Estadual e Federal e a Secretaria de Estado da Saúde já foram notificados.



CONSELHO Regional de Medicina (CRM) apresenta relatório sobre o Huse

Jadilson Simões

Os trabalhos iniciaram em dezembro do ano passado e foram desencadeados por um pedido de intervenção feito pela diretoria técnica e geral do Huse. “A partir do momento em que as duas maiores autoridades da instituição nos fazem uma solicitação como essa, vemos que a situação está fora de controle”, disse Melo.

A metodologia de fiscalização contou com apoio de especialistas de outros Estados, seguindo o que o Conselho Federal de Medicina considera correto. “Não foi algo da nossa cabeça”, falou. “Para nossa angústia e decepção, encontramos problemas novos e fatos inusitados. Também percebemos a repetição constante de problemas antigos, não apenas de dezembro para cá, mas de vistorias realizadas nos últimos quatro anos pelo CRM”, falou.

A superlotação foi encontrada em muitas alas. O recomendado é que a distância de uma maca para a outra seja de 80 centímetros. No entanto, elas muitas vezes estavam coladas umas às outras, com homens, mulheres e crianças em um mesmo ambiente. “A privacidade do paciente é completamente perdida”, falou. Riscos médicos e de infecção hospitalar são algumas consequências de o espaço ser exíguo.

Outro problema causado é a dificuldade na identificação dos doentes. “Não tem como identificar o paciente nesse mar de macas. Quando o enfermeiro vai administrar os medicamentos, se o paciente não responde que é aquele, não recebe o remédio. Já se a pessoa não responder, não recebe nada”, frisou.

Uma maca do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu)

foi flagrada na ala vermelha. "Esse equipamento não pode sair do Samu, o que significa que o Huse tem desfalcado aquele serviço de ambulâncias", frisou. A ala amarela foi a considerada com menos problemas; o gasômetro (aparelho para ventilação mecânica de pacientes em estado grave) do setor, todavia, não estava funcionando quando da visita do CRM. "Aliás, nenhum gasômetro do hospital estava funcionando esse dia", frisou Melo.

Outro problema grave é o fato de os documentos não estarem devidamente guardados, o que torna difícil encontrar o prontuário do paciente. Parte da ala azul estava direcionada para preservar os documentos, mas o espaço virou um local de acompanhantes dos pacientes (um paciente com soro foi registrado pelos fiscalizadores). Documentos estavam improvisados sobre uma mesa; os escaninhos para acondicioná-los, por sua vez, estavam vazios.

ENTREGUE ÀS MOSCAS, NÃO; ENTREGUE AO LIXO

Moscas são atraídas pelo não funcionamento do ar-condicionado e à sujeira causada por excrementos no chão. "A mosca pousa na ferida e depois vai para a comida do paciente", disse. "Existe retrato mais pungente da má gestão do que colocar uma lixeira na cabeceira da maca com um paciente?!", provocou Melo, ao mostrar registro fotográfico do fato. Outra foto mostra um paciente com o pé necrosado, com curativo, sobre outra lixeira. A justificativa dos gestores para tamanhas falhas é que não há o que fazer, pois o hospital está superlotado. "O que falta, então, é política pública. No final das contas, é uma medicina de guerra", disse Melo.

E AGORA, JOSÉ?

As duas propostas do relatório são: notificar o governo do Estado para que corrija os problemas encontrados no prazo de quatro

meses, sob pena de interdição ética de algumas alas do hospital; encaminhar o documento para entidades como Secretaria Estadual de Saúde, OAB/SE, Tribunal de Contas do Estado, Assembleia Legislativa, Câmara de Vereadores de Aracaju, Vigilância Sanitária de Sergipe e Defesa Civil de Sergipe, entre diversas outras. O objetivo da distribuição do documento é fazer com que essas entidades tomam possíveis providências em sua área de competência.

A Secretaria de Estado da Saúde (SES) emitiu nota ao JORNAL DA CIDADE. A SES confirmou o recebimento da cópia do relatório sobre as seis fiscalizações realizadas pelo CRM. O relatório também foi repassado à Fundação Hospitalar de Saúde (FHS). "Muitas das questões apontadas no relatório, apresentado sete meses após início das fiscalizações, já foram adotadas de forma responsável pelo Estado. A prova disso foi ação junto ao Ministério da Saúde, com a implantação do SOS Emergências para controlar a superlotação, reduzir fila de espera, adequar os espaços, dispor de macas e aportar recursos financeiros para o enfrentamento de questões estruturais, como elevadores", disse Acácia Merici, assessora de imprensa.

A SES destaca ainda que iniciou várias ações relativas a outros pontos do relatório, como a melhoria no sistema de limpeza e de refrigeração de ambientes, avanços na composição de escalas e finalização da obra da UTI.